

Sociologia diz o que dá samba no Brasil

Imagem falsa da mulher e aversão ao batente marcam a música popular brasileira

LINA DE ALBUQUERQUE

PORTO ALEGRE — Amélia não era mulher de verdade. Produto da idealização masculina, a "santa" de Ataulfo Alves e Mário Lago era apenas uma das duas representações de mulher apresentadas na música popular brasileira. A outra estava encarnada na figura da amante, boêmia e desregrada, que podia transformar qualquer homem em otário.

Discurso masculino por excelência, a música brasileira nas décadas de 30, 40 e 50 foi analisada em um simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) pelo antropólogo Ruben George Oliven, diretor do laboratório de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O pesquisador teve como meta levantar o imaginário brasileiro por meio da música popular do período da formação da sociedade urbano-industrial.

Ao percorrer as letras das canções de Noel Rosa, Nilton Batista, Ismael Silva, Lupicínio Rodrigues, Lamartine Babo e outros compositores desse período, o antropólogo deparou com as duas facetas femininas mais freqüentes do imaginário do homem brasileiro. A mulher da "ordem", também caracterizada pela clássica *Emília* de Wilson Batista e Haroldo Lobo, gravada em 1941 ("Ninguém sabe igual a ela/preparar o meu café./ Não desfazendo das outras./ Emília é mulher. /Papai do céu é quem sabe / A falta que ela me faz") e a "piranha" — "a analogia com um peixe destrutivo é significativa", afirmou o antropólogo. É assim, por exemplo, a mulher que se revela no samba *Oh! Seu Oscar*, de 1939, de Wilson Batista e Ataulfo Alves: "Tá fazendo meia hora / que sua mulher foi se embora / E um bilhete deixou / O bilhete assim dizia: 'Não posso mais / Eu quero é viver na orgia'".

Outra característica presente nessas composições, segundo o antropólogo, é a declarada aversão ao batente. O trabalho jamais dignifica. As músicas que exaltam a ma-

landragem proliferam sobretudo nas décadas de 30 e 40. Um exemplo é o samba *Caixa Econômica*, de 1933, composto por Orestes Barbosa e Antônio Nassara: "Meu avô morreu na luta / E meu pai, pobre coitado / Fatigou-se na labuta / Por isso eu nasci cansado / E pra falar com justiça / Eu declaro aos empregados / Ter em mim essa preguiça / Herança de antepassados".

"O samba se desenvolve no Brasil quando por aqui se começava a disseminar o trabalho assalariado", situa Oliven. "Até o século XIX, o trabalho manual era considerado atividade degradante, próprio de escravos."

A associação mulher-trabalho, demonstra Oliven, acentua o conflito do homem. Tal problemática pode ser encontrada na música *Izaura*, que Herivelto Martins e Roberto Roberti conceberam no final da década de 40: ("Ai, ai, ai Izaura/ Hoje eu não posso ficar/(...) Se você quiser eu fico/ Mas vai me prejudicar / Eu vou trabalhar").

Na opinião de Oliven, a música brasileira ainda oferece ao homem a oportunidade de revelar um lado seu socialmente não exposto: a fragilidade diante da mulher. Um pouco antes de morrer, em 1930, o compositor carioca José Barbosa da Silva, o Sinhô, confessou numa canção: "Gosto que me enrosco/ de ouvir dizer/ que a parte mais fraca é a mulher/ mas o homem / com toda a fortaleza / desce da nobreza/ e faz o que ela quer".

**QUE VALE A 'NOTA' SEM
O CARINHO DA MULHER?!**

Samba de
SINHÔ

Nº 1509
PREÇO: RS. 28000



EDITORES: CARL... & CIA - RIO